

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECAS, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 16

VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR

Data de aceite: 01/04/2021

Data da submissão: 05/01/2021

Valdeci Rezende Borges

Universidade Federal de Catalão
Unidade Acadêmica Especial de História e
Ciências Sociais
Catalão – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/0857773389440773>

Este texto foi publicado primeiramente na revista *destiempos.com*, México, maio-junho de 2010, ano 5 número 25, sob o título: *La vida, la naturaleza, la literatura y las lenguas americana em lá reflexión de José de Alencar*, sendo uma versão daquele e resultado de pesquisa, com bolsa produtividade, realizada com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

RESUMO: O escritor brasileiro José de Alencar (1829-1877), inserido no movimento romântico, ao refletir sobre sua prática literária, teceu várias ideias ao redor da literatura na América, da diversidade das línguas e da busca de linguagens apropriadas para expressar e representar o Novo Mundo, suas formas de vida, sua natureza e suas histórias. Em cartas, prefácios, posfácios e pós-escritos, referiu à escola americana ou indianista, às Américas, portuguesa, espanhola e inglesa, principalmente ao atrelar aspectos como: natureza e cultura, língua, linguagem, história, nacionalidade e independência política e cultural. Busca-se debruçar sobre alguns aspectos de tal pensamento e ainda indicar certas facetas da

recepção crítica de sua obra por meio de escritos que remetem à América, como do português Manoel Pinheiro Chagas e do venezuelano Juan Vicente Gonzáles.

PALAVRAS-CHAVE: José de Alencar, Américas, línguas, natureza e literatura.

LIFE, NATURE, LITERATURE AND AMERICAN LANGUAGES IN THE REFLECTION OF JOSÉ DE ALENCAR

ABSTRACT: The Brazilian writer José de Alencar (1829-1877), inserted in the romantic movement, when reflecting on his literary practice, wove several ideas around the literature in America, the diversity of languages and the search for appropriate languages to express and represent the New World, its ways of life, its nature and its stories. In letters, prefaces, posts and postscripts, he referred to the American or Indianist school, to the Americas, Portuguese, Spanish and English, mainly by linking aspects such as: nature and culture, language, language, history, nationality and political and cultural independence. It seeks to examine some aspects of such thinking and also to indicate certain aspects of the critical reception of his work through writings that refer to America, such as the Portuguese Manoel Pinheiro Chagas and the Venezuelan Juan Vicente Gonzales.

KEYWORDS: José de Alencar, Americas, languages, nature and literature.

1 | INTRODUÇÃO

A América sempre figurou nas preocupações de Alencar. Ao longo de sua produção ficcional e reflexão teórica ele expressou muitas vezes esse interesse ao abordar a questão da produção literária. Fosse ao pensar sobre a “poesia americana”, a “terra americana”, o “sangue americano”, a “natureza americana”, a “literatura americana” e a “nacionalidade americana”, tratando “do viver americano” ou da “imaginação americana”, fosse remetendo a “vida americana”, às línguas americanas e “ao português americano”. Ora falando da “terra sul-americana”, do “império americano” e das “auras americanas”, ora das “tradições selvagens da América”, das “línguas indígenas”, dos idiomas dos imigrantes e dos colonizadores ou das “línguas que dominaram na América”.

Alencar, entre 1856 e 1874, escreveu diversos ensaios críticos nos quais buscou estabelecer uma forma para sua produção literária, em específico, e de outros autores brasileiros, no geral. Ao mesmo tempo se defendia das censuras que recebia em relação a seus livros que eram publicados. Vivendo no Rio de Janeiro, capital do império e o mais importante centro urbano da América portuguesa, considerava a Corte, lugar da elegância e da cultura civilizada, cidade da intelectualidade brasileira. A seu ver os intelectuais tinham por missão contribuir para a “formação de uma nacionalidade” que consolidasse a independência política ocorrida em 1822.

2 | DA POESIA AMERICANA À PROSA

Nas “Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*”, publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1856, acerca do poema de Gonçalves Magalhães, Alencar avaliou os pontos negativos da obra que veio a público sendo considerada como “o poema nacional” e fora encomendada pelo próprio imperador, D. Pedro II. Alencar, revisando a produção de outros autores, destacou as contribuições desses para a construção de uma nova forma de expressão, de uma literatura que fosse nacional e produzida com linguagem própria. Apontou as sementes desse propósito em Gonçalves Dias e não o viu em Magalhães.

O poeta incorrera em vários erros. Era necessário procurar uma forma de falar nova, diferente e original, em conformidade com o mundo americano e diferente daquela do Velho Mundo, para expressar essa nova ordem cultural e social. No intuito de construir um imaginário da nação, de definir uma identidade e um espaço nacional, a narrativa deveria procurar os elementos da natureza, da terra e da cultura americana, tão diversos da europeia, os quais, para serem expostos, necessitavam de uma língua e linguagem que permitisse manifestar experiências de vida plurais e de lugares variados no espaço territorial brasileiro.

No intuito de afastar-se da forma clássica, legada dos europeus, e encontrar a expressão pertinente à transformação da linguagem, carecia de algo de original, inspirado na própria natureza da americana. O poeta “devia arrancar [...] alguma harmonia original,

nunca sonhada pela velha literatura de um velho mundo”. Compor um poema nacional requeria esquecer, por um momento, as ideias de homem civilizado e embrenhar-se pelas matas seculares da América, contemplando a natureza, em busca de inspiração. Se, tal experiência não “inspirasse uma poesia nova” e desse ao pensamento “outros vãos” diversos aos da “musa clássica ou romântica”, o poeta deveria quebrar sua pena com desespero (ALENCAR, 1960, p. 864 e 865).

Julgou a forma que Magalhães usou no poema, imprópria, ineficaz e artificial. A pintura feita da vida dos índios não tinha a menor beleza e recorria-se aos recursos de um poeta épico, à imagens e aos tesouros poéticos existentes, gastos e usados. Magalhães falhara ao ignorar a natureza brasileira, mostrando-se incapaz de exprimi-la, amesquinhando-a. Não soube interpretar a beleza e vigor da poesia dos índios e nem mostrar seu heroísmo e sentimentos. Fora incapaz de explorar os recursos da epopéia e burlou as regras do épico. Descuidou da forma e faltou-lhe estilo adequado. Era preciso encontrar na natureza americana “um novo pensamento, uma nova criação”, pois “o ouvido habituado ao roçar das árvores, aos murmurejos das ondas, aos cicios das brisas, a essas harmonias, não pode sofrer certos versos como ouvido acostumado ao rodar das segues e ao burburinho das ruas” (ALENCAR, 1960, p. 865, 866, 867 e 868).

Magalhães incorreu no erro de ter buscado tratar o Brasil com as fórmulas já existentes, gastas, artificiais, distanciadas de suas raízes e as usando mal. Era necessário edificar uma expressão estética nova, adequada à especificidade da realidade brasileira e despir-se das deformações da cultura dita civilizada. Faltava uma poesia simples e graciosa, inspirada pela natureza virgem da América, expressa com linguagem própria. Defendeu que, junto à natureza, escreveria um poema, “mas não um poema épico; um verdadeiro poema nacional, onde tudo fosse novo, desde o pensamento até a forma, desde a imagem até o verso”, pois a forma clássica não servia para cantar os índios, seu verso não podia “exprimir as tristes” melodias do Guanabara “e as tradições selvagens da América”. Logo, clamava por achar “uma nova forma de poesia, um novo metro de verso” (ALENCAR, 1960, p. 869, 871, 875 e 876).

A nova forma de dizer e tratar o Brasil requeria uma linguagem atenta ao som, à forma, à cor, à luz, à sombra e ao perfume da terra americana. Magalhães não o fizera; intentara escrever uma epopéia e dera-lhe linguagem imprópria; “copiou sem embelezar, escreveu sem criar”, deixou de pintar “a natureza brasileira e descrever os costumes indígenas com poesia e naturalidade”. Assim, “a cor local, como a entendiam os mestres da arte, não existia n’A Confederação” (ALENCAR, 1960, p. 882-3, 886, 888-91, 909 a65, 866, 867 e 868).

Procurando por em prática tais propostas, em 1865, lançou *Iracema* (Lenda do Ceará), que, segundo ele, pertencia ao período da “literatura primitiva” ou aborígine, tratando das “lendas e mitos da terra selvagem e conquistada”. Nesse mesmo ano escreveu a “Carta ao Dr. Jaguaribe”, dando continuidade às reflexões presentes nas “Cartas” acima

tratadas. Comentou algumas questões importantes acerca de seu projeto de realização de uma literatura nacional. Declarava que esse escrito poderia chamar-se “como e por que escrevi *Iracema*” (ALENCAR, 1965, v1, p. 495-7; ALENCAR, 1964, v. 2, p.1125).

Do meio dessa reflexão, dentre tantas questões, ressurgia o aspecto fundamental que o preocupava, aquele de encontrar uma forma literária para expressar a nacionalidade, a realidade brasileira. Afirmou que desde cedo, uma “espécie de instinto” impelia sua “imaginação para a raça selvagem indígena” como a possibilidade de percepção do nacional. Mais tarde, discernindo melhor, lendo as produções que se publicavam sobre a temática indígena, percebeu que “não realizavam elas a poesia nacional, tal como [lhe] aparecia no estudo da vida selvagem dos autóctones brasileiros”. Muitas pecavam pelo abuso de termos indígenas acumulados que quebravam a harmonia da língua portuguesa e perturbava a inteligibilidade do texto. Outras eram primorosas no estilo, mas faltava certa rudez ingênua do pensamento e expressão da linguagem dos indígenas. Gonçalves Dias era “o poeta nacional por excelência”; conhecia a natureza brasileira e os costumes selvagens. “Em suas poesias americanas, aproveitou muitas das mais lindas tradições indígenas”. Entretanto, os selvagens de seu poema falavam uma linguagem clássica (ALENCAR, 1964, v.2, p. 1123).

Para Alencar, “o poeta brasileiro” tinha “de traduzir em sua língua as ideias, embora rudes e grosseiras, dos índios”, por mais que “nessa tradução” estivesse grande dificuldade. Em tal fonte, deveria beber o poeta e dela sairia “o verdadeiro poema nacional”. Mas o escritor questionava a própria poesia como gênero para apresentar as imagens. A investigação era laboriosa, feita em imperfeitos e espúrios dicionários, requerendo “contínua e aturada meditação”, e poderia ser um “ímprobo trabalho”, não levado em conta. Agia como um arqueólogo, “desentranhando da profunda camada, onde dorme uma raça extinta” e muitos poderiam pensar que aquele material “fora achado na superfície e trazido ao vento da fácil inspiração”. Era inconveniente essa empreitada; “escrever um poema devia alongar-se”, que podia “correr o risco de não ser entendido, e quando entendido não apreciado”, pois encheria “o livro de grifos que o tornariam mais confuso” e notas ninguém lia. Diante disso, “o que pareceu melhor e mais acertado foi desviar o espírito dessa obra e dar-lhe novos rumos”, lembrando-se “de fazer uma experiência em prosa”. *Iracema* era “pois, um ensaio ou antes mostra”, em que buscou realizar suas “ideias a respeito da literatura nacional”, achando “aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens” (ALENCAR, 1964, v. 2, p. 1122-5).

O romance, com seu propósito nacionalista e preocupação com história, exalta a natureza brasileira, trata das ideias e costumes dos índios, mesclando personagens reais com fictícios, ao abordar a formação do Ceará e o primeiro contato do povo nativo com o invasor europeu. Da relação de *Iracema*, que em tupi-guarani significa “lábios de mel”, com o português Martin, nasceu Moacir, filho da dor, simbolizando o nascimento da nova sociedade. *Iracema*, um anagrama da palavra América, é a personificação da terra

nova, virgem e selvagem, invadida e conquista pelos europeus. Do “consórcio do povo invasor com a terra americana”, formou-se as sociedades do Novo Mundo. Alencar inicia sua narrativa de fundação dessa nova sociedade descrevendo no primeiro capítulo um “barco aventureiro” singrando veloz nos verdes mares bravios da costa cearense, desta se afastando e levando “Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem”. O barco que desaparece no horizonte deixava a “terra do exílio” e nela uma história, que passa a ser contada de ora diante (ALENCAR, 1964, v. 2, p. 1065-6, 1116; ALENCAR, 1965, v.1, p. 495).

3 I FACETAS DA RECEPÇÃO CRÍTICA DA PROSA AMERICANA DE ALENCAR

Ainda em 1865, logo depois do lançamento de *Iracema* no Rio de Janeiro, o venezuelano Juan Vicente Gonzalez, o homem de letras mais apaixonado da Venezuela no século XIX, escreveu um artigo sobre o livro na *Revista Literária*, por ele publicada, e considerada uma das principais publicações periódicas daquele país. O escritor ressalta a presença da natureza americana na produção de uma obra original:

Sí, el nuevo império del Brasil, sobre el que reposan todas las esperanzas de grandeza i gloria para la raza portuguesa, debe contentar al espíritu observador, poco satisfecho de los destinos de la antigua metrópole. Cuando nos representamos la fuerza i el esplendor de la naturaleza en esa parte de América, esas inmensas selvas vírgenes, esos rios que parecen Mediterráneos, esas vastas riberas banadas por el Océano, ese sol tan puro como el de la Grecia i mas ardiente, imaginase uno bajo esos palmeros i esos cocales gigantescos, una poesia original, tan juvenil i grandiosa como las demas producciones de la fecunda tierra. La musa de 8aa [sic] de Miranda, de Antonio Ferreira, de Bernardes, y Gil Vicente, há desplegado su vuelo, hácia las riberas de América (GONZALES, 1865, p. 356)

Para Gonzáles desde o século XVII as colônias portuguesas adicionaram poetas aos que haviam nascido em Portugal e que naquele momento escritos recentes honravam o talento brasileiro, como *O Guarani* e o pequeno poema *Iracema*, que propunha analisar rapidamente.

La obra está distribuida em treinta i dos cuadros, llenos de interes, naturalidad i gracia. La vida salvaje es o fondo del poema; i sus imágenes están tomadas de la espesura de los bosques, la rapidez de los torrentes, la magestad del mar, las sombras de los árboles, el ruido misterioso de las selvas, el canto de los pajaros, i hasta de la forma de las frutas. La Atala i los Naches daban una idea ligera de la vida salvaje; com *Iracema* se vive em médio de la naturaleza primitiva, se assiste a las escenas terribles de los cielos i el mar, se vá açã i Allá por entre montañas o a lo largo de las riberas, i como que se siente um perfume de esa vida anterior a la vida civil, que el poeta há hecho dulce i embriagadora, idealizándola. Sus páginas que saben a la miel del Jaty, que respiran el olor de la vainilla, i que parecen escritas a las sombras del Oitytica,

recuerdan al cantor de Morven i de los poéticos amores de Oscar e Malvina (GONZALES, 1865, p. 357-8).

Gonzáles inseriu Alencar no topo de um rol de autores brasileiros que, desde o período colonial, no século XVII e XVIII, esforçavam para produzir literatura nessa terra e de outros escritores, inclusive estrangeiros, que trataram dos selvagens do Brasil, como Lery, Montaigne e Anchieta. “El señor J. de Alencar se há puesto tambien em busca de la poesia indígena i nos ofrece em la vírgen *Iracema*, com uma prueba de sus esfuerzos i laboriosidad, uma muestra de su buen gusto i de su talento fino e cultivado” (GONZALES, 1865, p. 357)

Já, do outro lado do Atlântico, em 1867, saiu publicado, em Porto, o livro *Novos ensaios críticos*, de Manuel Pinheiro Chagas, no qual o escritor português, ao tratar da literatura brasileira, dedicou um capítulo a José de Alencar e focou sua análise em *Iracema*, lenda do Ceará. Nesse texto, Alencar recebeu elogios e honrarias pela escrita do livro, mas também foi censurado pela falta de correção no emprego da língua portuguesa.

Para Chagas, apesar dos muitos talentos que se avultavam na “nossa antiga colônia americana”, não se podia dizer que o Brasil possuísse uma literatura nacional que refletisse “o caráter” de seu povo, que concedesse vida às suas tradições e crenças e que fosse “a alma” da nação, com “todas as dores e júbilos que, através dos séculos, a foram retemperando”. O Brasil, como nação moderna e filha da Europa, não tinha “ainda uma existência bastante caracterizada, para que os seus incidentes, refletindo no espelho da literatura”, pudessem “deixar nele imagem bastante colorida e enérgica.” Faltava-lhe um “período laborioso de uma gestação difícilíssima”, como ocorrera nas repúblicas espanholas na América, e “uma iniciativa no movimento civilizador do mundo” debatendo as “grandes questões” da humanidade, como faziam os Estados Unidos, que pudessem “na sua literatura deixar profundo sulco”. Assim, faltavam-lhe elementos para inflamar sua literatura com o fogo do combate, o ardor, a veemência, o entusiasmo e as comoções das lutas, os quais comporiam as páginas de “uma epopeia sublime”, coordenada, talvez, por um Homero e formando a “Ilíada gigante desses povos” (CHAGAS, 1867, p. 212-3).

Na América do norte, os Estados Unidos tinham voto na congregação dos povos que dirigiam a marcha da humanidade, a “voz de seus escritores” não morria no “recinto” de suas fronteiras, sua literatura tinha “certo caráter de apostolado”, sendo marcada também pelo “estudo sério, e imparcial do passado”, característico da moderna literatura europeia, e Cooper era “o representante dessa literatura patriótica”, com o tipo que criou, Nathaniel Bempo, e as figuras que se agrupavam em torno deste vulto. Esse tipo “é o protesto vivo contra aqueles que da Nova Inglaterra querem fazer apenas a sucursal da antiga” e “que tentam assim afogar no seu germe a vivaz nacionalidade” (CHAGAS, 1867, p. 214-5).

Para Chagas, as nações americanas, se quisessem “verdadeiramente fazer ato de independência, e entrar no mundo com foros de países que tem nobreza sua”, deveriam, como Bempo, “esquecer-se um pouco da metrópole europeia, impregnar-se nos

aromas do seu solo”, proclamar-se filhas adotivas, mas “ternas e amantes das florestas do Novo Mundo, e aceitar as tradições dos primeiros povoadores”. Na poesia desses povos primitivos, estava “a inspiração verdadeira”, que deveria “dar originalidade e seiva à literatura americana”. Foi isso que compreendeu Fennimore Cooper e fez seus romances tão apreciados por uma geração que desprezou “as estioladas e pálidas plantas de estufa, nascidas numa atmosfera falsa”. Fechando seu raciocínio, Chagas conclui: “É isso que deve dar ao Brasil a literatura que lhe falta, foi isso finalmente o que o sr. José de Alencar compreendeu e tentou na formosa lenda cearense, que abre um novo e desconhecido horizonte aos poetas e romancistas de Santa Cruz” (CHAGAS, 1867, p. 215-6).

O crítico considerou que, desde o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, os poetas brasileiros tinham “entrevisto a mina riquíssima” de onde poderiam “arrancar diamantes literários”, mas que, até aquele momento, nenhum se impregnara “bastante nessa inspiração selvática” e tivera “ânimo para se banhar completamente nesse formoso lago poesia estranha às regras e aos hábitos europeus”. Os mistérios da poesia, os esplendores e sombras “da confusa floresta das tradições populares sempre assustaram a literatura elegante”, e foi necessário que uma “revolução sanguinolenta revolvesse a ordem do mundo, destrísse as antigas distinções” e agitasse o mar social para que os poetas “ousassem derrubar os seus palácios de Netuno, quebrar as conchas de Anfritrite [...]”. Tudo que “não era nobre, perfumado e delicado fora por tanto tempo considerado como antipoético” e não foi aproveitado “senão engastando-o cuidadosamente nas joias arrebicadas da literatura clássica”. Foi preciso nova geração, não viciada pelos climas de Paris, para que a poesia procurasse inspiração nas crenças do povo (CHAGAS, 1867, p. 216-8).

Chagas assegura que “o que sucedeu na Europa com a poesia popular, aconteceu no Brasil com a literatura indiana”, por meio de Magalhães e Gonçalves Dias, mas que, com a morte do último, “antes dele ter inaugurado verdadeiramente a literatura nacional no Brasil”, pertencia à *Iracema*, de Alencar, “a honra de ter dado o primeiro passo afoito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições” (CHAGAS, 1867, p. 218).

Se os leitores de Cooper lamentavam que não houvesse, no Brasil, um poeta que soubesse aproveitar os tesouros da poesia espalhados por esse território e que, da mesma forma que aquele, desse relevo às tradições e crônicas desses povos, “Alencar livrou sua pátria desse labéu”, com *Iracema*, em que se revela estilista primoroso, pintor de paisagens natais e cronista simpáticos dos antigos povos brasileiros. “Pela primeira vez aparecem os índios, falando a sua linguagem colorida e ardente, pela primeira vez se imprime finalmente o cunho nacional num livro brasileiro [...]”. Portanto, “A musa nacional solta-se enfim dos laços europeus” e vem sentar-se à sombra das bananeiras vendo o sol apagar seu facho ardente na orla das florestas americanas (CHAGAS, 1867, p. 219-20).

Remetendo a uma crítica não identificada, veiculada num jornal do Rio de Janeiro, que apontava como “defeito” do livro a profusão de termos indígenas espalhados em suas páginas, Chagas o descaracteriza. Para ele, esse aparato não tornava ininteligível e nem

desagradável a prosa do autor e em nada prejudicam o interesse pela leitura: “não creio que possa macular por forma alguma o formosíssimo quadro do pintor brasileiro” (CHAGAS, 1867, p. 220)

No entanto isso não quer dizer que a obra não possuísse problemas e Chagas chama a atenção para um “defeito” que ele via “em todos os livros brasileiros”, que era “a falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis, e de insubordinações gramaticais”. Questionou os motivos para que um livro brasileiro se distinguisse na linguagem de um livro português, quando os livros dos autores americanos não se distinguiam dos livros dos ingleses, que “escrevem exatamente o mesmo correto inglês”, ou, no caso dos escritores latino-americanos, que “entoam os seus inimitáveis versos no mesmo sonoro e altivo espanhol” (CHAGAS, 1867, p. 221-3).

Chagas avaliou os autores brasileiros como “escritores de primeira ordem, talentos verdadeiramente grandiosos”, mas declarou que aproveitava esse “ensejo para dizer verdades”, que, há muito, pesavam em sua consciência àqueles que estavam “à frente desta cruzada de novo gênero”. Finalizando, voltou a Alencar, tratando da sua postura de revolta contra o português, de seu estilo, linguagem e lugar na criação de uma literatura nacional.

Ainda que o sr. José d’Alencar não seja dos mais audazes revoltosos, ainda que o seu estilo verdadeiramente mágico resgate plenamente as incorreções de linguagem que lhe podemos imputar, desejaríamos que nem sequer essa leve mácula existisse num livro primoroso, num livro, que está destinado, como a *Iracema*, a lançar no Brasil as bases duma literatura verdadeiramente nacional (CHAGAS, 1867, p. 223-4).

Assim, mesmo vendo o romancista com um dos “revoltosos” contra os ditames da língua mãe, com vista a realizar um “ato de independência” cultural, de afastar e esquecer a metrópole europeia considerou que seu livro lançava as bases de uma “literatura verdadeiramente nacional”.

4 | NOVOS COMBATES DE ALENCAR POR UMA LITERATURA AMERICANA

Já em 1870, no “Pós- escrito”, à 2ª. edição de *Iracema*, diante de tal acusação de crime de insurreição contra a gramática da língua comum, levada a cabo pelos escritores brasileiros de modo geral, Alencar reivindicava uma independência lingüística ao afirmar a real existência de um processo de mudanças no Brasil, mas discordando que fosse produzido e originado nos escritores, delegando ao povo tal ação. Considerou que a tendência, não para formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existia no Brasil, sendo fato incontestável. Porém não atribuía aos “escritores essa revolução filológica” e remetia para a necessidade de buscar o germe dela e seu fomento no espírito popular, no falar do povo. Enfatizando a independência, o

romancista dizia que “A revolução é irresistível e fatal” e que “há de ser larga e profunda”, pois se os “povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos políticos, opera-se, também, a separação nas ideias, nos sentimentos, nos costumes, e, portanto, na língua, que é a expressão desses fatos morais e sociais.” Reafirmando a ideia da língua como fato histórico e como arma política para produção da independência cultural que reforçava aquela do campo político, defendeu que era um engano completo pretender que o inglês e o espanhol da América fossem os mesmos da Europa cuja diferença podia-se notar. Diante disso, ainda questionou: “E como podia ser de outra forma, quando o americano se acha no seio de uma natureza virgem e opulenta, sujeito a impressões novas ainda não traduzidas em outra língua, em face de magnificências para as quais não há ainda verbo humano?” (ALENCAR, 1964, v. 2 p. 1130).

Além dos fatores naturais e da formação da vida social e cultural na América, onde os contatos existentes entre línguas diferentes, não só entre indígenas e europeus, como aqueles resultantes dos processos migratórios, agiam na transformação de uma língua, Alencar ampliou sua concepção apontando que a literatura nacional devia nascer da mestiçagem, da mescla entre o índio, o branco e o negro. Ele salientava que “Cumprir não esquecer que o filho do Novo Mundo recebe as tradições das raças indígenas e vive ao contato de quase todas as raças civilizadas que aportam a suas plagas trazidas pela imigração.” No caso brasileiro, julgou que os estrangeiros eram “um veículo de novas ideias e um elemento da civilização nacional”, sendo aqueles que vinham de fora “os operários da transformação de nossas línguas”. Dizia que eram “esses representantes de tantas raças, desde a saxônia até a africana,” que faziam “neste solo exuberante amálgama do sangue, das tradições e das línguas”. Deste modo, não se admirava “que um literato português note em livros brasileiros certa dissonância com o velho idioma quinhentista”, pois essa mesma dissonância os escritores daqui achava-se nas páginas portuguesas, como de Mendes Leal, marcadas pelo estilo clássico, que destoava “no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidáveis, desses prodígios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego” (ALENCAR, 1964, v.2, p. 1130-1).

Alencar, engajado na luta contra os escritores portugueses e na querela do afastamento do padrão culto e clássico do português, defendia “o direito de criar uma individualidade nossa”, jovem e robusta, “muito distinta da velha e gloriosa individualidade portuguesa.” Tratou das acusações de Antonio Henrique Leal, que “contestou que os portugueses da América possuíssem uma literatura peculiar ou elementos para formá-la” e que reproduziam “a cansada censura” ao seu “*estilo frouxo e desleixado*”. Assim, o romancista, esboçava um molde de nacionalidade literária brasileira, que vazava nas obras que produzia e que se contrastava com o estilo clássico da língua portuguesa, defendia o “cisma gramatical” que consubstanciava a separação e a independência política e cultural brasileira (ALENCAR, 1964, v.2, p. 1131, 1133-5).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a reflexão alencariana informava seu fazer literário e expressava as intencionalidades que depositava em suas obras. Para ele a literatura era um monumento erguido na celebração da nação e um instrumento engajado na luta política pela emancipação cultural da sociedade brasileira em relação à cultura portuguesa. A literatura deveria ser fruto da confluência de elementos variados, mas, sobretudo das emanções da terra e da natureza americana, dos costumes dos povos diversos que foram invadidos em interação com aqueles dos invasores, dos povos trazidos forçadamente para cá e dos imigrantes que depois vieram. A língua e a linguagem literária, como fato histórico e social, deveriam ser capazes de representar esse conjunto complexo de elementos em interação e de trocas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*. In: ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. v. 4, p.863-922.

ALENCAR, José de. Questão filológica. In: ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar Ltda, 1960. v.4, p. 939-961.

ALENCAR, José de. O nosso cancionero. In: ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar Ltda, 1960. v.4, p. 961-9.

ALENCAR, Jose de. Iracema. In: ALENCAR, Jose de. **Ficção completa e outros escritos**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1964, v. 2, p.1061-1122.

ALENCAR, Jose de. Carta Dr. Jaguaribe. In: ALENCAR, Jose de. **Ficção completa e outros escritos**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1964, v. 2, p.1122-1125.

ALENCAR, Jose de. Pós-escrito à 2ª edição de *Iracema*. In: ALENCAR, Jose de. **Ficção completa e outros escritos**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1964, v. 2, p.1125-1136.

CHAGAS, Manuel Pinheiro. Literatura brasileira – José d'Alencar. In: CHAGAS, Manuel Pinheiro. **Novos ensaios críticos**. Porto: Casa da viúva Moré, 1867. p. 212-224.

GONZALES, Juan Vicente. *Iracema por J. de Alencar*. **Revista Literaria**, Caracas, s/v e n, p. 354-359, 1865.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuismo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184

U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br